

CDU 869.0(81) Freyre. 06

OS VERDES ANOS DE GILBERTO FREYRE: GERMINAÇÕES

Zaida Maria Costa Cavalcanti

INTRODUÇÃO

Os oito anos decorridos no período de 1918 a 1924, tão fecundos na formação de Gilberto Freyre quanto o foram os oito anos subsequentes para a elaboração de *Casa-Grande & Senzala* têm sido relativamente pouco estudados por seus biógrafos e exegetas.

A importância do mencionado período pode ser intuída sobretudo a partir dos trechos de diário íntimo de Gilberto Freyre, reunidos e publicados no livro *Tempo morto e outros tempos: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade*, editado em 1975, e, *Tempos de Aprendiz*, editado em 1977, que reúne artigos publicados desde o ano de 1918 pelo *Diário de Pernambuco*.

No Prefácio do primeiro, curto, aliás, em comparação com a maioria dos seus prefácios, o autor declara que o seu diário de adolescência e primeira mocidade:

publica-se de um modo extremamente incompleto: faltando-lhe numerosos registros. Registros de acontecimentos e de experiências, para o autor importantes. Importantes para o que foi a sua adolescência, para o que constituiu a sua primeira mocidade e para a projeção dessas duas fases decisivas de sua vida, sobre o que a ela se vem seguindo" (FREYRE, 1975).

Não explicita porém o porquê são importantes os registros omitidos intencionalmente, nem os que foram destruídos pelo cupim, como ele próprio o afirma.

Surpreendentemente, o referido Prefácio não chama a atenção do leitor para as geminações que aquele diário contém, das quais se destacam: o despertar do adolescente Gilberto Freyre para a sua vocação de escritor e o aprofundamento do seu compromisso com o próprio talento, na busca de um estilo pessoal e no cultivo de uma temática própria; a geminação de *Casa-Grande & Senzala*, na inquietação freqüentemente manifesta ao longo do diário, do tema e do tipo de livro que gostaria de escrever, e, também, ainda que de forma tênue, a intuição do tópicos como objeto de estudo específico.

Surpreendentemente, também, o mesmo Prefácio não chama a atenção para a persistência do núcleo de brasilidade no contexto das preocupações do seu autor, nem para os laços, que jamais se tomaram amarras, com o Brasil, com o Nordeste e com o Recife, em particular.

O leitor de *Casa-Grande & Senzala*, de *Sobrados e Mucambos*, de *Ordem e Progresso e Nordeste*, como, de resto, da obra mais recente de Gilberto Freyre, do mesmo modo que o estudioso da Tropicologia, que o descubra no *Livro do Nordeste*, no *Manifesto Regionalista*, em *Um Brasileiro em terras portuguesas* ou em *Sugestões de um novo contato com as Universidades Européias*, fundando, assentando as bases da Tropicologia, flagram o escritor maduro, ainda que jovem, e, já com posições tão consistentes como se elas houvessem estado definidas desde sempre ou se, per-feitas, prontas estivessem no ser do autor, quando nasceu.

Por isso a riqueza de *Tempo morto e outros tempos*, está, precisamente, em permitir que o leitor mais jovem, que não conheça o tempo social em que Gilberto Freyre viveu a sua adolescência e juventude, do mesmo modo dos que os que se achegaram mais tardiamente à sua obra, sem conhecer o tempo intelectual em que a mesma foi gestada, pressintam, no adolescente a entrar na juventude o pensador que estava por eclodir e já possam antever com que pujança surgirá o escritor que se estrutura e burila.

Tempos de Aprendiz, por sua vez, embora publicado trinta anos após *Casa-Grande & Senzala* é, por direito e cronologia a revelação do talento do escritor e do pensador que intui uma nova ciência, voltada, esta, para a compreensão de um segmento peculiar da humanidade: o homem situado no trópico.

É em *Tempos de Aprendiz* que ao longo de nove anos Gilberto Freyre traz ao Brasil em artigos escritos desde 1918 nos Estados Unidos até 1926 e publicados no Recife pelo *Diário de Pernambuco*, suas primeiras reflexões sobre o regionalismo e o tradicionalismo, inspiradas no irlandês Butler Yeats, sobre a nova História, recém-surgida na Alemanha, com Marc Bloch, a crítica social que surgia nos Estados Unidos com Menckel, nova antropologia de Franz Boas, que valorizava as chamadas raças inferiores, a persistente busca de semelhanças e contraposições

regionais entre o Brasil e outras partes do mundo; a defesa de uma, já intuída, mentalidade tropical, modelando o modo de vida do homem situado no trópico, e, a dinâmica das sociedades tropicais de um modo geral.

O tema do surgimento do escritor Gilberto Freyre e da gênese de *Casa-Grande & Senzala* e da Tropicologia, não é original; outros já o abordaram, entre eles: FONSECA (1979/1980 e 1983) trata o período de interesse da presente monografia, na sua dimensão cronológica, situando, em uma primeira fase, ali, os principais fatos da infância e adolescência de Gilberto Freyre, inclusive os seus primeiros escritos publicados e a sua primeira experiência como conferencista; KUJAWSKI (1987) aborda o projeto de tornar-se escritor, manifestado e reiterado por Gilberto Freyre de muitas formas e em diferentes ocasiões, a partir do significado do ser escritor, de um modo geral, e, para ele próprio em particular.

A gênese de *Casa-Grande & Senzala* descreve-a MOTTA (1983) no Engenho São Severino dos Ramos, Paudalho, Pernambuco, onde teve o menino Gilberto a sua primeira experiência prolongada em um estabelecimento rural da zona da mata de Pernambuco. COUTINHO (1985a) situa o tempo em que Gilberto Freyre concebeu *Casa-Grande & Senzala*, mostrando a grandeza e a vanguarda da obra no contexto do seu tempo social e comparando Gilberto Freyre a José Bonifácio, como um novo Patriarca do Brasil e (1985b) abordando as circunstâncias do processo de readaptação de Gilberto Freyre ao Recife e a importância que teve tal processo na gestação de *Casa-Grande & Senzala*.

No que toca à Tropicologia são da filósofa Maria do Carmo Tavares de Miranda os estudos que apontam para as origens da nova Ciência: em 1983, ao fazer um retrospecto sobre o Seminário de Tropicologia, enfoca-o como uma conseqüência prática dos estudos iniciais de Gilberto Freyre sobre a *Vida e a Formação Brasileira nos Trópicos* "onde se anunciava a preocupação científico-filosófica das análises sobre o Homem e a Cultura diversamente situada que toda sua obra reflete com critério de abordagem ecológica, atendendo necessidades situacionais". E afirma que: "Era a Tropicologia que assim surgia desde 1918, documentada em artigos de jornal enviados do Estados Unidos da América para o *Diário de Pernambuco*". Em 1987, discute a importância da abordagem interdisciplinar e transdisciplinar para o estudo de Tropicologia e, ainda em 1987 assinala como Gilberto Freyre na sua visão Tropicológica mostra o Homem situado em espaços tropicais, suas formas de vivência e convivência, sua habitação e seus hábitos e a formação do ser brasileiro, de um modo geral, dentro da pluralidade de condições regionais" com suas diferenças que confirmam a singularidade e a unidade nacional".

Abordam ainda o período e interesse no nosso trabalho para o estudo da obra de Gilberto Freyre, GONSALVES DE MELLO (1985) reportando o processo de pesquisa museográfica e arquivística para *Casa-Grande & Senzala*; PEREIRA (1985) ressaltando o que de novo aparece em *Casa-Grande & Senzala* para a explicação da formação histórica do povo brasileiro e chamando a atenção para o alicerce daquela obra no

Manifesto Regionalista, a que refere como tradicionalista e a seu modo Modernista.

A contribuição desta monografia ao estudo biográfico de Gilberto Freyre e os pontos mais altos de sua obra: *Casa-Grande & Senzala* e a fundação da Tropicologia é trazer a lume trechos de textos menos conhecidos de Gilberto Freyre, sem tentar interpretá-los, preferindo a palavra do próprio Gilberto Freyre em um como que depoimento em resposta às nossas indagações: Como o adolescente Gilberto percebeu a sua vocação de escritor? Quando o jovem Gilberto começou a pensar a temática de *Casa-Grande & Senzala*? Como eclodiram os fundamentos da Tropicologia?

Evidentemente a opção por apresentar os textos de Gilberto Freyre permitindo-nos apenas interrompê-los e retomá-los por meio de reticências, sem parafraseá-los, leva à multiplicação de citações. Mas é o próprio Gilberto Freyre que refere o FONSECA (1983) – acusado por um crítico de citar demais responde que prefere fazê-lo a ter que:

resvalar no pecado contrário e talvez mais grave: o de citar de menos. A acusação de "citar demais" parte sempre daqueles que pouco ou nada leram, preferindo abordar um assunto com irresponsável desprezo pelos que o anteceder na mesma trilha.

A presente monografia está disposta em quatro partes, a saber: *O Recife dos verdes anos de Gilberto Freyre*, onde se pretende mostrar, por um lado, uma certa duração, no sentido bergsonianiano do termo, entre o tempo demarcado em *Vida social do Brasil nos meados do século XIX, o ceme de Casa-Grande & Senzala*, o tempo da meninice de Gilberto Freyre no Recife e a cidade que, na volta dos Estados Unidos, busca na dimensão afetiva e percebe na ótica do adulto cosmopolitizado; e, por outro lado, salienta o mérito da formação intelectual do adolescente Gilberto e as suas ambições brotadas no ambiente provinciano do Recife do seu tempo.

A segunda parte: *A germinação do escritor*, está dirigida para três aspectos que se apresentam como fundamentais ao jovem Gilberto na forma como percebe e sua construção de escritor: a vocação para o escrever, o estilo e, na peculiaridade de sua condição de brasileiro cosmopolitizado, o uso de um idioma marginalizado pela comunidade literária internacional. Destaca, ainda em alguns casos, certas geminações de procedimentos metodológicos que seriam incorporados à obra gilbertiana.

A terceira parte: "*A germinação de um livro: Casa-Grande & Senzala*", focaliza aquela obra a partir da sua dimensão autobiográfica e do propósito do seu autor de conhecer-se a si próprio através do conhecimento da sua gente; conhecer a sua gente através do conhecimento do seu cotidiano, na casa, no habitat, no procriar, no conviver. Buscamos no diário de Gilberto Freyre o evoluir de sua autobiografia, na forma de

história de um menino. Mostramos o direcionamento do pensamento do autor para o cotidiano, chamando a atenção para as fontes de que se utiliza, na medida em que eram as mesmas mencionadas.

A quarta parte: "*A germinação de uma ciência: a Tropicologia*," focaliza inicialmente a propriedade do uso dos vocábulos *trópico* e *tropicologia*, em textos de juventude de Gilberto Freyre, onde não fica dúvida quanto à conotação geocológica que lhe é atribuída. Mostra a seguir que, de acordo com o Diário de Gilberto Freyre, bem como com os seus artigos publicados no *Diário de Pernambuco*, em um espaço de tempo relativamente curto, o autor passa de uma fase mais descritiva do trópico e do tropical para uma fase de aplicação de suas reflexões sobre o tema em sugestões em torno do que é próprio e adequado ao cotidiano da vida nas regiões tropicais.

Evidentemente, não se pretendeu esgotar o tema das germinações, havendo, seguramente, espaço para novas pesquisas sobre o mesmo.

1. O RECIFE DOS VERDES ANOS DE GILBERTO FREYRE

É de Bergson a distinção entre o *tempo* como o suceder de instantes, como multiplicidade quantitativa e a *duração*, como multiplicidade qualitativa. É de Braudel a idéia de interseção de elementos espaciais na duração:

Aquilo que dura é no tempo, mas também no espaço, e o que mais dura são justamente os elementos espaciais, as estruturas geográficas (WESTPHALEN, 1987).

É precisamente o sentido de tempo e de duração, bem como a idéia de interseção dos elementos espaciais, que torna imperiosa a definição do espaço e do tempo do Recife nos verdes anos de Gilberto Freyre, porque tanto em *Casa-Grande & Senzala*, cujas germinações buscam neste estudo, como, na sua vasta obra, de um modo geral é o Recife do começo do século o elemento que une o passado, já presente no menino Gilberto, a ele transmitidos pelo berço, pelo leite, pelos linhos, pela mesa, pelos jardins, pela casa e o nela habitar, e o Recife, para onde volta, amoroso, até de sua cidade, que reencontra – igual ou diferente? – às vistas do filho nativo, que se refaz menino; ao perceber do homem feito, tornado cosmopolita.

Na busca de germinações – do escritor, de *Casa-Grande & Senzala* e da *Tropicologia* – o tempo presente de Gilberto Freyre é aquele em que elas brotaram, e – como nos é dado pelo saber universal –, só brota aquilo que em natureza já existe, ainda que de modo despercebido.

do, e, por sua vez, tudo o que brota se projeta e se torna em futuro na duração, que interpenetra novos espaços. Tempo tróico, o menino Gilberto carrega em si o século passado, tornado próximo, presente, na sua infância, no deliciar-se ouvindo reminiscências de velhos. Tais reminiscências intrometem-se no crescer do menino, suscita-lhe reflexões, que já não são fantasias, mas a adulta capacidade de compreender-se, compreendendo sua gente.

Um pairar rápido sobre o Recife dos verdes anos de Gilberto Freyre mostra uma cidade plural: COUTINHO (1985a) descreve-a no contexto geral e ambiência das cidades brasileiras:

O 1900 brasileiro não foi exatamente uma *Belle époque*. O trópico parecia estar muito longe de ser domado. As cidades que mais tinham crescido, embora ecologicamente mais adaptadas ao clima do que agora, apresentam o aspecto um tanto repulsivo e promíscuo de centros urbanos orientais, daqueles em que as ruas emporcalhadas, o mal cheiro das casas e os enxames de moscas criam uma atmosfera malsã e mortífera de burgo podre. . . Nesse ambiente tristonho e desalentado, só havia lugar para o JECA TATU impaludado, no campo; e o funcionário do governo que o erário mal sustentava, nas capitais. Desses elementos é que se constitui o grosso da população nacional. Afora eles, o que existia e detinha a força da riqueza no país eram os donos de terras, os fazendeiros do café, e senhores de engenho, que se iam transformando em usineiros através de um processo de concentração de poder.

FREYRE (1981) em descrição referenciada por COUTINHO (1985a) como o mais fiel retrato da vivência brasileira do início do século, traça assim o perfil da sua cidade, a pretexto da possível europeização de José Lins do Rego:

Belle époque de importação: impactos de europeísmo, José Lins do Rego recebeu-os, diretamente, na verdade, no Recife, nos seus dias de adolescente. Recebeu-os por vezes, indo literalmente ao Cais do Rio Branco, à Lingüeta, à beira-mar vendo chegar do Sul e do Norte da Europa, transatlânticos portadores de jornais, perfumes e vinhos de Paris, usque da Escócia, músicas da Itália, cervejas da Alemanha, cocotes francesas ou da Polónia. Gentes louríssimas: perfumes finíssimos. E livros em francês e em espanhol. Cachimbos ingleses. Gravatas italianas. Idéias. Filosofias. Cosméticos. Tinturas para o cabelo. Conhaques e até absinto. Camisas. Meias de fio escocês. Lenços de linho irlandês. Casimiras inglesas. Chapéus ingleses. Bengalas. Guarda-

chuvas. Camisas-de-vênus francesas e inglesas. Remédios de nomes bonitos. Vinhos. Champagne. Galochas. Óculos. Mais pastas de escovar dentes. Águas-de-colônia. Imagens italianas de santos. Jóias. Pratas. Quadros. Estatuetas. Tapetes. Maçãs. Peras. Uvas. Marmores italianos para túmulos. Relógios suíços. Canetas. Tintas. Telas. Ferro. Aço. Vidro. Cristal. Azulejo. *Paté, Marron glacé.* Leite suíço. Chocolate de várias origens. Vestidos. Brinquedos para as crianças. Bolas de futebol. Raquetes de tênis. Cartões postais, dos líricos aos eróticos. Cigarros turcos. E tendo o Recife como teatro metropolitano do Nordeste e não só de Pernambuco, um Teatro Santa Isabel, onde dançou Pavlova.

Também BANDEIRA (1979) descreveu o Recife do começo do século. O Recife de sua saudade não era miasmático, nem esnobe:

. . . mas o Recife sem história, sem literatura. . . O Recife das ruas de nomes poéticos: da União, da Saudade, da Aurora; das ruas onde, à noite as famílias se reuniam, as pessoas grandes, para conversar, os moços, para namorar e as crianças para brincar, de chicote queimado e de coelho sai. Recife onde os sinos anunciavam incêndios e vozes noturnas anunciavam as cheias. Recife do sertãozinho de Caxangá, dos banheiros de palha. Recife das pretas que mercavam coisas diversas, dos vendedores de roletes de cana, de saquinhos de amendoim. Era o Recife de um tempo em que a sabedoria não vinha dos livros, mas pela boca do povo, na língua errada do povo, a língua certa do povo.

Para SETTE (1948) a nota mais característica do Recife era seu jeito provinciano?

O Recife continuava a ter ares provincianos. Vida quieta, burgo em que todos se conheciam, em que se falava do "tipo estranho a viajar num bonde" ou a passar pela rua do Crespo, conversas nas calçadas, compras em trajos mais avontade de noite. . . O comércio varejista fechava às 9 horas com o sino da Matriz. . . .

De acordo com os registros da época era, ainda, o Recife, uma cidade sem esgotos, onde se morria de febre amarela, varíola e peste. Tinha ainda a pálida iluminação a gás, vindo a luz elétrica a aparecer em 1919. O transporte urbano era feito em bondes de burro, enquanto o bonde elétrico chegava em 1914.

Era a cidade do acolhedor ancoradouro das pequenas embarcações, na Línguaeta, mas que deixava ao largo, no Lamarão, os navios de

maior porte, aos quais os passageiros eram guindados em enormes cestas de vime. Lá estava o Curvelo, quando nele Gilberto Freyre, também içado por um cesto, embarcou para os Estados Unidos, rumo à Universidade de Baylor.

Contavam-se a dedos os telefones existentes na cidade.

Segundo SETTE (1948) o movimento teatral era bastante intenso no Teatro Santa Isabel, enquanto o cinema dava os primeiros passos na conquista da preferência da elite jovem da cidade, nas tardes de domingo. O Pathé e o Royal já haviam triunfado na Rua Nova, quando surgia o Helvética na Rua da Imperatriz e, depois, o Moderno e o Parque, ambos inaugurados em 1915.

O panorama literário da cidade, no início do século, é assim escrito por FRANÇA PEREIRA (1979?):

De 1901 a 1910, a primeira década deste século de *bolchevismos* que nos tem proporcionado inesgotáveis surpresas, desde a rádio-telephonia até o *raio da morte*, de 1901 a 1910 novas tendências literárias surgem entre nós; mas os jovens espíritos que a elas obedecem, longe de arvorar o estandarte da revolta contra os seus precursores, reclamam-lhes cooperação, conselhos e experiência técnicas. Conserva, melhorando, os métodos e processos que dos mestres haviam recebido para a execução da obra d'arte".

Da vida estudantil conta ODILON NESTOR (1979):

Hoje os nossos estudantes já não se apaixonam pelos movimentos literários ou philosophicos – por essas justas intelectuais que eram outrora ainda seu maior entretenimento. O jogo puro das idéias, não lhes suscita mais nenhuma emoção ou entusiasmo. As tendências são outras; e também outros os horizontes: um cargo a ocupar, uma função a exercer.

O Recife dispunha de livrarias que se abasteciam diretamente da Europa: a Livraria Acadêmica e a Popular, na Rua do Imperador, a Livraria Econômica, junto ao Arco de Santo Antônio, a Livraria Padre Inácio, a Livraria Francesa, na Rua do Crespo, a Ramiro Costa e a Papelaria Pernambucana, entre outras que tiveram maior ou menor tempo de existência.

Não faltavam, também, ao Recife oportunidades educacionais pelo menos em nível do ensino fundamental, e mais de ensino de línguas, música e pintura. E já despontavam os primeiros estabelecimentos particulares que viriam a gozar de renome durante muitas décadas: O *11 de Agosto*, na Rua da Glória, o *19 de Abril*, de propriedade da família Portocarreiro, na Rua do Hospício e o *Aires Gama*, além do *Santa Margarida*,

o *Coração Eucarístico*, o *Pritaneu* e o *São José*, para meninas, no Recife e a *Academia Santa Gertrudes*, em Olinda. Além desses o *Ginásio Pernambucano* e a *Escola Normal Oficial*, respondiam pela qualidade do ensino público.)

Terminados os estudos secundários, as opções eram poucas: Direito, Engenharia, Farmácia. . . ou, então partir para o sul do país ou para o exterior. Os que saíam do Brasil para estudar, de um modo geral, retornavam. Mas os que, de Pernambuco, ou de outros Estados, iam para o Sul, lá ficavam e iam formando a elite intelectual da Capital.

2. A GERMINAÇÃO DO ESCRITOR

Ir tempo a dentro à busca das germinações do ser escritor em Gilberto Freyre é uma aventura, ao mesmo tempo surpreendente e fascinante, sobretudo se nos desprendemos do tempo cronológico e permitimo-nos deslizar, livremente, pelo tempo social e por outros tempos que se insinuem.

Na busca de germinações do escritor interessa-nos as reflexões que brotam, aqui e ali e que irrdicam, ou sugerem, inquietações diretamente relacionadas com as implicações do ofício de escrever. Por isso o interesse maior não está no arolamento cronológico das obras iniciais da copiosa produção literária, publicada desde os seus verdes anos, mas, sim, nas circunstâncias em que despontou o ser escritor na vida daquele que viria a ter a notoriedade de Gilberto Freyre, bem como a prematura percepção que teve ele do escrever como seu próprio destino.

Um primeiro elemento surpreendente na busca das germinações do escritor é a opção do Professor Alfredo Freyre para o colégio do seu filho Gilberto.

No contexto da elite social da cidade do Recife de então, o esperado seria que o menino Gilberto fosse mandado estudar no Aires Gama, ou que tivesse preceptores em casa e prestasse os exames no Ginásio Pernambucano, como o fizeram muitos dos intelectuais pernambucanos, e, mesmo nordestinos, de sua geração. Mas é no Colégio Americano Gilreath, protestante, que o menino é matriculado aos 8 anos de idade. Além da escolaridade regular, toma lições de inglês com Mr. Williams, de francês, com Madame Meunier e de desenho com o pintor Teles Júnior.

E, é naquele colégio que o menino Gilberto desperta para o jornalismo e, através dele, que se faz a escolha da Universidade de Baylor para o início de sua vida acadêmica nos Estados Unidos.

FONSECA (1979/80) considera 1916 o ano do surgimento de Gilberto Freyre como escritor e indica como suas primícias: a conferência proferida na Paraíba sob o título *Spencer e o problema da educação no Brasil*, a qual recebeu elogiosa crítica de Dias Fernandes em *A União*, e o discurso Adeus ao Colégio, divulgado pelo *Diário de Pernambuco*

e posteriormente editado sob a forma de opúsculo, pelo próprio colégio Americano Gilreath, de onde o adolescente Gilberto se despedia.

Acrescentem-se à conferência e ao discurso, entre as primícias, o seu primeiro artigo, publicado no *Diário de Pernambuco*, em 1917, sob o título: *O período feudal na vida de um homem*, sobre o qual seu jovem autor afirma:

Esse período feudal é a adolescência com suas buscas de aventuras e suas ânsias de glórias. Confesso que o artigo me parece coisa acima da banalidade da literatura colegial. FREYRE (1975, p.16).

Entendemos, porém, que o marco inicial do escritor literário, com a dimensão que Gilberto Freyre se autodefine é *Casa-Grande & Senzala*:

O que principalmente sou? Creio que sou escritor. Escritor literário. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador são em mim anclares do escritor. FREYRE (1968).

Apontamos *Casa-Grande & Senzala* e, não, *A vida social do Brasil nos meados do século XIX*, pelo fato de estar o segundo, na sua condição de Tese de Mestrado, ainda sujeito a cânones acadêmicos, podendo, porém, ser considerado uma germinação da obra maior de Gilberto Freyre, o que, aliás, já ele próprio o afirmava:

Relendo o leitor mais pachorrento, com alguma atenção trabalhos já tão remoto como é o ensaio agora intitulado *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*, talvez concorde com o autor em que em suas páginas se encontra o germen de toda uma série de estudos que bem ou mal – provavelmente mal – vieram a ser por ele realizados. . . FREYRE (1964).

Como mencionado anteriormente o Colégio Americano Gilreath desde cedo assumiu uma relevante importância na formação de Gilberto Freyre e nos rumos que a sua vida tomara.

Não é leviano afirmar que a sua experiência no jornalismo escolar exerceu uma decisiva influência na prática do jornalismo, que cultivou até os seus últimos dias de vida e na tomada de consciência de sua vocação inalienável para ser escritor.

Tudo leva a crer que o menino Gilberto agregou-se muito cedo ao grupo que produzia o *O Lábaro*, o jornal do colégio e que desempenhou muitas das funções quotidianas do jornal antes de tomar-se seu redator-chefe.

Ali, na réplica singela de jornalismo que se pode encontrar em um jornal escolar, teve o menino Gilberto a oportunidade de sentir as diferentes emoções de escrever para um público, de se expor à crítica e aprender a usá-la de maneira construtiva, tanto quanto aos elogios que viessem. Pelo visto, foi-lhe gratificante a experiência.

Como redator-chefe do jornal escolar, além do aprendizado dos saberes do jornalismo, aprendeu a disciplina do tema e do tempo, exigida de quem escreve por ofício.

Ao que parece, *O Lábaro* não era apenas um jornalzinho noticioso, nem somente um veículo de divulgação de trabalhos literários de alunos do Colégio, pois tinha o então renomado Professor França Pereira como um dos seus colaboradores. Assim como *O Lábaro* tinha entre os seus colaboradores um dos decanos do jornalismo local, poderia ter, igualmente, os representantes da jovem intelectualidade da época, dos que já militavam nos jornais locais, entre os quais: Silva Lobato, Raul Monteiro, Araújo Filho, Mário Linhares, Humberto Carneiro, Costa Rego Júnior e Agripino Silva, dentre outros, e, também os veteranos do ofício: Gonçalves Maia, Arthur Orlando, Manuel Arão, Alfredo de Carvalho, Odilon Nestor, Júlio Pires, João Barreto, Theotônio Freire, Faria Neves, Arthur Muniz e Aníbal Fernandes.

É possível supor que a vocação que surgia no pequeno jornalista era alimentada tanto pelo contato que mantinha com jornalistas, por intermédio do seu pai, o Dr. Alfredo Freyre, e em função do jornal do colégio, como também, pela leitura dos jornais locais: o *Commercio do Recife*, o *Correio do Recife*, a *Gazeta do Norte*, o *Pernambuco*, a *República*, o *Estado de Pernambuco*, a *Ordem* (precursor do Jornal do Commercio), o *Diário de Pernambuco* e a *Província*.

Tais suposições encontram apoio em registro do *Diário* de Gilberto Freyre:

Uma vez, descendo do *Diário*, encontramos um homem atarracado, pescoço curto a quem meu pai me apresentou dizendo: – Este também se chama Gilberto. Era Gilberto Amado.

FREYRE (1975, p. 15).

Fui ao *Diário de Pernambuco* convidar Aníbal Fernandes, a quem muito admiro, para a minha formatura. O mesmo edifício a que muito menino eu vinha às vezes com meu Pai, que era muito amigo de Arthur de Albuquerque”.

FREYRE (1975, p. 15).

Fui levar ontem a Aníbal Fernandes o jornal do colégio com o meu artigo *O período feudal na vida do homem*. . . Aníbal me recebeu como se eu – um meninote – fosse já igual a

ele: como um intelectual a outro intelectual. Eu sei que ele é um intelectual feito e eu ainda um menino com pretensões a intelectual. . .”

FREYRE (1975, p. 16).

É sempre um encanto para mim a leitura de um artigo de Assis Chateaubriand. Tem cor, movimento, flama. Alfredo de Carvalho parece-me, no que escreve, sem o ânimo do verdadeiro escritor. É um ânimo que se encontra em Oliveira Lima e, sobretudo em Chateaubriand, assim como em Aníbal Fernandes”.

FREYRE (1975, p. 11).

O adolescente Gilberto seguia passo a passo a trajetória dos intelectuais locais do seu tempo. O jornalismo, de acordo com SOUZA BARROS (1985), no Recife era o caminho natural de todo jovem intelectual em busca de projeção, o que era feito em clima nem sempre cordial, a custo de estilo, correção gramatical e domínio do vernáculo.

Logo cedo, aos 17 anos, o adolescente Gilberto já se preocupava com o seu estilo e domínio do vernáculo.

A propósito dessa sua preocupação, revela ao seu *Diário*, em relação à pequena contribuição sua a Tese do pai, quando o mesmo concorria à Cátedra da Faculdade de Direito do Recife:

Meu trecho não está mal. O português que meu Pai escreve é correto e até elegante pela concisão e pela limpeza da frase. O meu talvez tenha mais movimento, mais flexibilidade e mais plasticidade. Talvez por eu saber desenhar e ele não.

FREYRE (1975, p. 18).

Muito embora tudo leve a crer que se houvesse ficado no Brasil Gilberto Freyre teria sido um jornalista brilhante, ocupando, talvez, simultaneamente cátedra da Faculdade de Direito, as informações disponíveis e os seus próprios escritos deixam bastante clara a probabilidade de que, com ou sem a experiência acumulada no exterior, ele se tomaria também um escritor literário; talvez um pouco mais tarde, mas dirigido para a mesma temática.

Tal suposição tem por base dois aspectos presentes de maneira muito clara nos seus dados biográficos: por um lado, mostram os escritos dos verdes anos de Gilberto Freyre a construção lenta, metódica, quase artesanal do escritor que ele percebia em si mesmo, e já cultivava. Mostram, por outro lado, que a experiência no exterior refina o enfoque e a percepção de sua brasilidade.

Além disso, é possível pensar que o contato curioso e inquiridor com o tempo imediatamente anterior ao seu, através de pessoas de dife-

rentes condições sócio-educacionais, inquietá-lo-iam e, em algum momento, haveriam de impulsioná-lo a escrever, em dimensão maior que a jornalística.

Embora havendo feito as suas primeiras incursões literárias no Recife, os dados biográficos disponíveis e os registros constantes do *Diário* de Gilberto Freyre mostram, de maneira bastante clara, que foi durante a sua permanência na Universidade de Baylor que ele tomou consciência da sua vocação de escritor e acolheu-a, para sempre, passando a dirigir para o escrever literário toda a força de sua atividade intelectual. Moldou-se escritor literário, burilou seu estilo e recriou-o constantemente nos trabalhos escolares, que lhe valiam o incentivo dos professores, no jornalismo em língua portuguesa, através de matérias enviadas regularmente ao *Diário de Pernambuco*, que viriam a ser reunidos e publicados no livro *Tempos de Aprendiz*, que contém, também artigos produzidos durante e após o período passado na Universidade de Baylor e, ainda no jornalismo em língua inglesa, idioma que o menino Gilberto já dominava aos 15 anos, antes de bacharelar-se no Colégio Americano Gilreath, em artigos para *Waco News Tribune*.

Aos 18 anos, quando estudante na Universidade de Baylor, o jovem Gilberto Freyre desperta para as potencialidades do ensaio, enquanto forma de expressão literária, em curso de Literatura, sobre o ensaísmo inglês, com o Professor Armstrong.

É um curso que vem me abrindo novas e largas visões do homem, da Sociedade, da História. Sem o ensaio inglês, francês, espanhol – curioso que russos e italianos não sejam tão fortes no ensaio) estaríamos muito pobres com relação a problemas básicos do homem e da Sociedade que a Ciência dos Comte, dos Spencer e dos Taylors não parece capaz de esclarecer só por caminhos e métodos científicos.
FREYRE (1975, p. 27).

O mencionado curso faz com que o jovem Gilberto retorne, sob diferente ótica e orientação muitos dos autores lidos na adolescência. É desse período a releitura de Bacon, Milton, Swift, Lamb, Carlyle, Ruskin e Macaulay, Montaigne, Pascal e La Fontaine, e o primeiro contato com os ingleses: Dryden, Thomas Browne, De Quincey, Steele, Addison, Samuel Johnson, Hazlitt, Defoe (ensafsta), Walter Savage London, Thomas Huxley, Thackeray (ensafsta), Newman, Pater e Arnold.

Os registros do *Diário* de Gilberto Freyre referentes ao seu curso de literatura permitem supor que o mesmo abriu-lhe, não só, as portas para o ensaio e para novas visões do Homem, da Sociedade e da História, como, também para a possibilidade de fazer do ensaio o *seu* gênero.

Lembrando-se que a formação protestante de Gilberto Freyre produzira, recentemente, os seus frutos mais maduros, a ponto de no ano anterior abeirar-se ele do trabalho evangélico missionário pregando em

uma Igreja Evangélica, é possível supor ser-lhe de todo importante a descoberta de um gênero literário que, sem ser necessariamente comprometido com a religião, a permitisse sem pejo. Descobriu-o no ensaio:

... pois sendo de literatura, é também de filosofia; a filosofia que está tão presente nos ensaístas ingleses quanto nos místicos espanhóis e nos moralistas franceses quanto nos filósofos alemães.

FREYRE (1975, p. 26).

É ainda no contexto do mesmo curso de Literatura, mais precisamente durante as repetidas leituras que faz do ensaio sobre "Biografia" de Carlyle – que reitera a importância do conhecimento do homem pelo homem – que o jovem Gilberto intui um caminho alternativo para a exploração científica da realidade:

... o problema da existência sendo diferente para cada homem, é, também, em muitos pontos o mesmo para todos os homens e, portanto, suscetível de estudo científico (sociológico, biológico, psicológico, etc.). Ao mesmo tempo, um interesse poético inspira, ou informa esse estudo, porque não há problema de conflito da sua vontade, ou da sua pessoa com a Natureza e com a *Sociedade*. Daí poder dizer-se que, em essência, a História, a Antropologia e paradoxalmente a própria Sociologia, não é senão a reunião de inúmeras biografias.

FREYRE (1975, p. 27).

Observa-se então que, aos 18 anos de idade, Gilberto Freyre já havia intuído a interdisciplinaridade que iria permear a sua obra futura e se tornar uma característica metodológica gilbertiana, bem como a idéia inicial da biografia coletiva como uma das características da História Social.

E explicitando, ainda mais, o direcionamento da sua reflexão, para as inquietações do ensaísta por eclodir:

Carlyle concorda com os alemães em que o significado que, para propósitos poéticos, se encontra na Realidade – em oposição à Ficção – é imenso. Daí a importância das *Confessions* de Rousseau. Pois a ficção não deixa de ser mentira. Para Carlyle a superioridade da Realidade (Mitologia, Romance, Novela) está no fato do menor *fato histórico* tornar-se, (quando apresentado literariamente), mais impressionante do que o mais grandioso evento fictício.

FREYRE (1975, p. 27).

A reflexão que o jovem Gilberto faz sobre o enfoque carlyliano da importância da realidade no escrever literário corporifica-se ao longo dos anos na sua obra que, mesmo quando incursiona pela poesia e pela novela, ele fez sempre emergir da realidade.

Serve, então, o maior aprofundamento no ensaio, de oportunidade para que o jovem Gilberto comece a intuir a possibilidade do escrever literário como forma de comunicação de diferentes saberes. É o que se pode supor com base em vários registros do seu *Diário*. É possível mesmo afirmar com bastante segurança que ao partir da Universidade de Baylor para a de Colúmbia, já havia ele assumido plenamente a sua vocação de escritor e já houvesse assumido, para consigo próprio, o compromisso de se tornar escritor literário.

Mostra o referido *Diário* que, ainda durante o tempo dos seus estudos na Universidade de Baylor, Gilberto Freyre já havia tomado consciência da questão do estilo e da barreira da língua portuguesa, no seu caso particular.

A preocupação do jovem escritor com a construção do seu próprio estilo leva-o a captar o que há de mais característico no estilo dos autores que lê e nas aulas e conferências que ouve, como se para fixar o que espera introjetar, para futura recriação ou rejeição. Tal preocupação transpira inclusive em artigos publicados, na época, pelo *Diário de Pernambuco*. Observa-se:

Gypsy (Smith) deixou em mim uma impressão única de eloquência. Na sua boca o áspero inglês torna-se uma língua doce, onde há laivos de mel. Ele faz com o inglês moderno – o mais comercial de todos os idiomas – o que um trovador do tempo de Boccaccio fazia com o italiano e um poeta da corte de Elizabeth com o inglês quinhentista”.

Diário de Pernambuco (09.02.19).

Há alguma coisa nos alemães que me encanta de modo particular. Goethe continua a me dar a impressão de alguém que recriou vida e até natureza, num sentido mais fortemente poético que o de Balzac, aliás imenso ao criar numerosos tipos. Recriar a natureza é sem dúvida arte imensamente mais poderosa do que a de recriar tipos. Mas criar tipos exige do criador gênio mais agudo. É também a arte de Tolstói: criador de vida, de natureza; e não apenas de tipos. A sua superioridade sobre Dostoiévski criador de tipos. Criador ou fixador. É verdade que tanto Balzac como Dostoiévski criaram símbolos e não apenas personagens. Também são imensos como criadores de símbolos.

FREYRE (1975, p. 39).

Em um outro registro:

Harriet Monro é, como pessoa – ou personalidade – o oposto de Amy Lowell: mulher tão afirmativa. Tão ostensivamente afirmativa. Entretanto pode-se dizer que, como revolucionárias literárias, as duas se completam. Remam ao mesmo sentido contra a maré da repressão poética convencional. A favor da *New Poetry*. *New Poetry*, *New Criticism*, *New History* são três dos movimentos renovadores, que fazem da literatura – ou da cultura – dos Estados Unidos de agora uma das mais vibrantes do mundo moderno. Não lhe falta sequer um romance que começa a rivalizar, em força de sentido social com a *New Poetry*. Nem o seu drama – O' Neil à frente – falta o mesmo sentido social insurgente que o aproxima em termos de novos temas sociais do que foi Ibsen e mais recentemente Shaw.

FREYRE (1975, p. 39).

Ainda a respeito da amiga Amy Lowell, escrevia:

Quanta folha de papel deve ter utilizado a artista fastienta dos treze aos trinta e sete anos! É tão difícil escrever! . . . Escrever bem não é garatujar uma folha de papel. Nós os garatujadores é que temos essa idéia. . . Deviam os escritores de verdade formar uma liga contra nós garatujadores impertinentes, e destinada a criar mais respeito pelo escrever. Miss Lowell pertence ao grupo dos *imagistas*. Os *imagistas* preferem os pormenores exatos às generalidades vagas. Uma imagem exata, definida, precisa, faz mais que representar uma emoção ou uma idéia: apresenta-a".

Diário de Pernambuco (15.08.1920).

Em referência ao seu primeiro encontro com William Butler Yeats:

Ficará este encontro com o irlandês genial como um dos grandes momentos da minha vida. Primeiro a conferência. Um trecho de autobiografia. Yeats é a negação do orador mas a afirmação do conferencista que valoriza as palavras com uma arte de quem dominasse sons e sentidos ao mesmo tempo.

FREYRE (1975, p. 40).

E, dando a Pernambuco a primeira notícia sobre Batouala, de Maran:

Um encanto o romance, há nele colorido, gosto, um não sei que de fruto exótico. . . O que o romance de Maran faz é pegar do vivo a vida africana. . . O estilo de Maran é claro

e incisivo. Conseguiu o romancista negro fazer suas aquelas qualidades de clareza e *measure* que tanto atraíam o grande talento verbal de Nietzsche à bela prosa francesa. Mas o estilo é o homem, como já vem dito e repetido desde – já me esquece desde quem – e há no René Maran algo dele próprio, muito dele, muito pessoal, que não foi de modo nenhum aprendido à força de exercício e retórica.

Diário de Pernambuco (06.08.22).

As citações acima são alguns, apenas alguns, dos registros que revelam a preocupação de Gilberto Freyre com a construção do próprio estilo, que o acompanha através dos seus verdes anos.

Além da preocupação com a construção do próprio estilo preocupava-se, também, o jovem Gilberto com a barreira constituída pela língua portuguesa para um escritor que deseje se tornar universal. Aliás, poder-se-ia mesmo dizer, para um escritor que desejasse apenas se afirmar como tal no Brasil, onde todo o valor era dado ao que viesse do estrangeiro, ao importado.

Do mesmo modo que a preocupação com o estilo, a questão do uso da língua portuguesa é extravasada não só no *Diário*, como, também, em artigos para o *Diário de Pernambuco*, como se pode observar:

Do português já foi dita esta frase travosa: *é uma língua clandestina*. Nos Estados Unidos o que é que se sabe da nossa língua e literatura? Mesmo entre o público letrado. . . Desconhecem que é a língua de mais da metade da população da América do Sul, pois a idéia comum é que esse continente inteiro fale o espanhol. Ignoram que é falado por mais de 39 milhões: no Brasil, em Portugal, em possessões portuguesas na África e na Ásia. E que o português tem uma literatura à parte, de primeira água, tão boa quanto a de qualquer de suas irmãs românticas é fato que um ou outro erudito conhece".

Diário de Pernambuco (09.11.1919).

No mesmo ano de 1919 vários registros do *Diário Pessoal* tratam do mesmo assunto:

Como nós somos desconhecidos! Quando digo nós me refiro ao conjunto Portugal-Brasil como expressão literária. Ninguém lê escritor português fora desse conjunto. A não ser Camões. Camões é lido por alguns eruditos. Mas Fernão Lopes, Fernão Mendes, Gil Vicente, Eça, são ignorados. Desconhecidos. O próprio Armstrong atribui a Camões importância. Mas não a que atribui a Cervantes. Destaque-se a

favor de Armstrong que já fez discípulos brasileiros traduzirem para o inglês escritores brasileiros: Santa Rita Durão e José de Alencar. Mas comigo vive insistindo para que abandone a língua portuguesa e adote a língua inglesa como minha língua literária, tomando-me assim, como ele diz, *universal*.

FREYRE (1975, p. 29).

A barreira, representada pela língua portuguesa, para o seu sucesso como escritor é-lhe constantemente lembrada pelos seus mestres, que, como uma forma de expressão de reconhecimento do valor do jovem brasileiro, o instam a usar o inglês, que domina de modo surpreendente para os americanos, tornando essa a sua língua literária, para que se tome um escritor universal:

É como uma sereia, cantando sempre ao meu ouvido: – A glória te espera na língua inglesa; abandona pois a portuguesa, que é, como tu próprio reconheces uma língua clandestina! Para tanto me falta ânimo: não tanto o ânimo para a aventura literária como o do repúdio a valores maternos. Sou muito sensível ao que há de materno, para um brasileiro, na língua portuguesa.

FREYRE (1975, p. 29).

Em um outro registro:

. . . Armstrong não é nada suave. Ao contrário, é vulcânico. Ontem ele me disse: – O que você precisa fazer é sair de Baylor e não voltar para o Brasil. Achei a frase brutal. Será que ele pensa que o Brasil é uma terra de bárbaros? Parece. Acha ele que eu devo tomar-me escritor; mas escritor na língua inglesa. Escritor na língua portuguesa é bobagem, diz-me ele do alto do seu imperialismo lingüístico e literário de grande conhecedor da literatura inglesa.

. . . O que Armstrong sugere é para ele muito simples, mas para mim alguma coisa que repugna completamente ao meu brasileiro. Diz ele: – Você deve naturalizar-se cidadão dos Estados Unidos. Aos 18 anos já pode fazê-lo. Eu lhe garanto que você será escolhido Rhodes Scholar para Oxford. . . É escritor de língua inglesa que você deve tomar-se. . . Naturalizar-me americano para tomar-me um grande escritor? Isto, nunca. O meu dever é voltar para o Brasil. Se tiver de ser escritor, meu dever é escrever em língua portuguesa.

FREYRE (1975, p. 31).

Como se pode observar a questão da língua, que Gilberto Freyre deveria escolher como veículo definitivo de sua expressão literária, contém dois aspectos. O primeiro ilustrado pelas citações anteriores em que pesam opiniões de um americano, o Professor Armstrong, que visa diretamente o *escritor* a quem a barreira da língua tomaria menos conhecido.

Esse é também o ponto de vista de WESTPHALEN extemado em aula no Curso de Fundamentos da Tropicologia (1988), promovido pela Fundação Gilberto Freyre em colaboração com a Fundação Joaquim Nabuco.

O segundo aspecto é o que será ilustrado a seguir, sustentado por OLIVEIRA LIMA "apud" FREYRE (1975), que visa o *pensador* existente em Gilberto Freyre, cujo processo, então ainda em construção, se poria em risco no Brasil do começo da década de vinte e poderia vir, eventualmente a se estiolar no ambiente provinciano do Recife:

Oliveira Lima advertiu-me: – Não pense em fixar-se no Brasil. Escritor no Brasil? É mesmo que pretender alguém patinar em areia".

FREYRE (1975, p. 133).

Outra carta de Oliveira Lima. Acha que não devo pensar em voltar de vez ao Brasil e informa sobre a situação do intelectual no nosso país. Situação a que, deseje ser escritor, viver de escrever.

FREYRE (1975, p. 40).

Seus pulmões precisam de outro ar para respirar, o seu meio há de ser aqui, no estrangeiro.

FREYRE (1975, p. 73).

Consideramos 1922 o ano do reconhecimento público de Gilberto Freyre, como escritor, na publicação da sua tese de Mestrado pela *Hispanic American Historical Review*, no mesmo ano de sua apresentação.

Deixam então de ser *germinações* as inúmeras referências do jovem Gilberto Freyre, nas duas obras que nos propusemos a estudar, à sua condição de escritor, seu estilo e o uso da língua portuguesa como sua língua literária, a partir de então.

3. A GERMINAÇÃO DE UM LIVRO: CASA-GRANDE & SENZALA

É do poeta MOTTA (1983) a afirmação de que *Casa-Grande & Senzala*:

Começou com Gilberto Freyre, aos 10 anos, em férias escolares (do Colégio Americano Gilreath, do Recife) no Engenho São Severino dos Ramos, em Paudalho, zona da mata-norte de Pernambuco. Aí o menino urbano passou do carneiro Belém branco e mocho (exigência do tio Zé Maria) ao cavalo Vesúvio, castanho, frente aberta, mancho. E, em cima de Vesúvio, a um território além, muito além do quintal da casa, do pátio do colégio, das ruas da Capunga (Bairro do Recife). Partidos de cana, casas de moradores mais distantes, engenhos mais próximos, embora no próprio São Severino dos Ramos estivesse dentro de um mundo que, nos seus estudos sociais iria habitar para o resto da vida.

Sem qualquer sombra de dúvida, as profundas impressões deixadas no menino Gilberto no seu primeiro contato prolongado com o meio rural, aos 10 anos de idade, terão alimentado reminiscências, contribuindo para a recriação de ambiente e contextos e, possivelmente, para um processamento inconsciente de informações que haveriam de emergir em tempo oportuno. A condição de memória inconsciente daquelas e de outras experiências da infância é atestada pelo próprio Gilberto Freyre, no Prefácio à primeira edição em língua inglesa de *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*, conforme tradução de VALENTE (1964):

A preparação deste ensaio começou, de certo modo, inconscientemente, quando, ainda menino, costumava o autor fazer perguntas à avó materna – Dona Francisca Barradas da Cunha Teixeira de Mello – sobre os bons tempos antigos”.
FREYRE (1964).

Aparentemente, porém, as vivências do menino Gilberto só começam a ser resgatadas, em direção à *Casa-Grande & Senzala*, em 1921, em Nova York, vindo à luz na forma de um interesse ainda difuso pela experiência de vida do menino brasileiro:

Estou interessado em estudar o que talvez se possa chamar a sociologia do brinquedo – como um aspecto da sociologia e psicologia – da criança ou do menino. . . Desejo anotar as predominâncias de gosto, em relação a brinquedos, da criança ou do menino de uma grande cidade cosmopolita como Nova York. Considero o assunto importante e fascinante. Sonho com um museu de brinquedos rústicos feitos com pedaços de madeira, quengas de coco, palhas de coqueiro, por meninos pobres do Brasil.
FREYRE (1975, p. 54).

É interessante notar que o citado registro, como, de resto, muitos outros do mesmo *Diário*, já revelam o gosto pela alternância, pela comparação entre contrários; tão presentes na obra de Gilberto Freyre.

É possível que a presença do menino e do brinquedo, como elementos de forte conotação autobiográfica, passassem despercebidas; ao leitor do *Diário Íntimo* de Gilberto Freyre, não fosse ele o autor de *Casa-Grande & Senzala* onde o menino se recria.

A leitura do mesmo *diário* na ótica de *Casa-Grande & Senzala* torna aqueles registros claramente denotativos, pois no seu conjunto, as referências à Criança e ao brinquedo contidas no *Diário Íntimo* restringem-se às que estão diretamente relacionadas ao interesse autobiográfico do autor e, que, possivelmente, se constituem como uma das vertentes de onde brotaram a idéia de escrever um livro sobre a história de um menino brasileiro, em uma já personalização do menino genérico implícito na sociologia do brinquedo:

O que eu desejaria era escrever uma história como suponho ninguém ter escrito com relação a país algum: a história do menino – da sua vida, dos seus brinquedos, dos seus vícios – brasileiro, desde os tempos coloniais até hoje. Já comecei a tomar notas na Biblioteca de Oliveira Lima: nos cronistas coloniais, nos viajantes, nas cartas dos jesuítas. *Sobre* meninos do engenho, meninos do interior, meninos das cidades. Os órfãos dos colégios dos Jesuítas. Os alunos dos padres. Os meninos mestiços – filhos de franceses com índias – encontrados pelos portugueses. De crias de casas-grandes. De afilhados de senhores de engenho, de vigários, de homens ricos, educados como se fossem filhos por esses senhores. É um grande assunto. E creio que só por meio de uma história desse tipo – história sociológica, psicológica, antropológica e não cronológica – será possível chegar-se a uma idéia sobre a personalidade do brasileiro. É o menino que revela o homem. Mas nunca ninguém aplicou esse critério ao estudo da formação ou do desenvolvimento nacional de um país. . . . Todo espaço nas histórias convencionais – e talvez em todas até hoje escritas – é que tem sido pouco para a glorificação do adulto: e dentre os adultos, só os homens, dentre os homens, só os *importantes* como políticos e militares. . . e ignora-se a presença – a simples presença – da criança, do menino, do adolescente.
FREYRE (1975, p. 60).

Observe-se que o texto enuncia fontes inusitadas e chama a atenção para a idéia original, que se abre na forma que o autor propõe para a intuída história sociológica, psicológica, antropológica e não cronológica.

O sentido autobiográfico implícito do desejo de escrever uma História de um menino torna-se ainda mais claro e um registro em tempo próximo posterior:

Por que pedi ao superintendente da International House que me ponha em contato, para objetivos ligados aos meus estudos, com fábricas de brinquedos desta vasta cidade? O brinquedo das crianças é assunto que me atrai. Por que? Talvez porque quando menino, foi na companhia dos meus brinquedos, alguns dos quais eu *personalizava*, dialogando com eles, que encontrei um dos melhores refúgios para me defender da banalidade da maioria dos adultos.

"... [Pretendo escrever alguma coisa sobre brinquedos na minha planejada – mas tão difícil de ser escrita sem vivência brasileira – "História da vida de menino no Brasil". Ou: "A procura de um menino perdido"...."]
FREYRE (1975, p. 76).

Ao intuir, aos 21 anos de idade, a importância e o fascínio de uma história de um menino brasileiro, o jovem Gilberto intuiu, ao mesmo passo, a importância e a necessidade das abordagens interdisciplinares – não apenas multidisciplinares – a partir de uma problemática comum. Na obra com que sonhava, ao introduzir o corpo e o brinquedo como objetos de estudo da história antecipa de muito aquilo que seria apresentado em 1974 com novos objetos de estudo da história por Le Goff e Pierre ora em *Faire de l'Histoire*:

Novos objetos: o clima / o inconsciente / o mito / mentalidade / a língua / o livro / os jovens / o corpo / a cozinha / a opinião pública / o filme / a festa. . .
WESTPHALEN (1987).

E, os mesmos autores, quando em 1978 lançaram *La Nouvelle Histoire* que, no dizer de WESTPHALEN (1987) foi publicada com o objetivo de levar ao grande público as orientações mais modernas da História, compreendendo 10 artigos essenciais, a saber:

História nova / história de longa duração / história das estruturas / antropologia histórica / história das mentalidades / história da cultura material / história imediata / marxismo e história nova / história dos marginais / história do imaginário.
WESTPHALEN (1987).

Observe-se que, já na primeira referência sobre o livro que queria escrever, o jovem Gilberto aflora: a longa duração e a incursão na história imediata, ao estabelecer o tempo do seu interesse – desde os tempos coloniais: até o hoje, que era o dos idos da década de vinte; a história dos marginais: os órfãos dos colégios dos jesuítas, os meninos mestiços, os afilhados dos senhores; a história da cultura material, através dos brin-

quedos; e a história das mentalidades, ao se propor a uma história que não se concentre no homem, como a que foi ditada pela mentalidade dominante entre os que se ocuparam da história.

A leitura de *Tempo Morto e Outros Tempos*, na ótica de *Casa-Grande & Senzala*, revela não somente um sentido autobiográfico nas notas sobre a História da vida de menino no Brasil, como também —, sobretudo a partir de 1921 — uma constante ligação interior com tudo o que se refira no Brasil do século XIX e uma afilada prontidão para se aperceber de tudo aquilo que se afigura como uma possível fonte de explicações ou informações sobre o tema que o inquietava através dos seus estudos; desde as informações sistemáticas obtidas nas fontes convencionais, às mais inusitadas, como por exemplo, um prato servido em uma refeição:

Almoço com o casal Isaac Goldberg. . . Dão-me a comer uma carne (já não me lembra seu nome em yiddish) que me recorda o cozido brasileiro. Até onde irá — penso durante o almoço com os Goldberg — a influência do judeu sobre a cozinha portuguesa? Sobre a brasileira? A “feijoada dormida”, o “mungunzá dormido”, o quitute que se come depois de uma noite como que de repouso encoberto da iguaria, talvez seja reminiscência brasileira dos quitutes encobertos e até secretos dos cristãos-novos.

FREYRE (1975, p. 62).

Do mesmo modo, nutre o jovem Gilberto a sua inquietação intelectual e em outras tantas fontes, como pontos de partida para reflexões; fontes estas enumeradas por Gilberto Freyre no Prefácio à edição em língua inglesa de *Vida Social no Brasil nos meados do Século XIX*, como sejam: litogravuras, livros de viagens, diários, jornais da época e depoimentos de pessoas idosas de diferentes condições sócio-educacionais ouvidos em diferentes épocas:

Relatos, sobre o passado íntimo de sua gente, de outras pessoas, então de idade tão avançada que, algumas, embora de todo lúcidas, já falavam com voz tremida e, quando andavam, já arrastavam tristonhamente os pés, como Dona Maria Rabelo de Oliveira. Também a viúva Augusto de Carvalho. O próprio Augusto Ferreira de Carvalho. . . a preta velha Felicidade, antiga escrava da Família Cunha Teixeira. . . e a Senhora Richard (Rindle), que viveu quando menina no Rio imperial: foi iaizinha brasileira antes de tornar-se anciã vitorianamente anglo-saxônica.

FREYRE (1966).

A aproximação que nos idos de 1921 e 1922 faz Gilberto Freyre entre a História e as demais ciências, faz-se, de certo modo, sob o influxo

do *cultural approach* que então surgia na Universidade de Colúmbia e que é assim descrito por Gilberto Freyre:

A base dos estudos antropológico-culturais é que, em vários dos mais recentes estudos sociais, vêm sendo considerados como que gestalticamente os complexos sócio-culturais que constituem uma cultura contemporânea; ou que caracterizam uma época dessa cultura quando cultura já histórica". FREYRE (1964).

Também desse período, e, com plausível influência, talvez não de todo explícita, no crescimento da temática de *Casa-Grande & Senzala* nas preocupações intelectuais do seu futuro autor é o contato dele com os movimentos literários daquela época – os chamados movimentos anti-metropolitanos – dos Estados Unidos, do Oeste Médio, do Oeste, do Sul e da Irlanda.

O próprio Gilberto Freyre confirma a influência que recebeu de Zimmern, Geddes, Le Pay, Mistral, Maurras e, sobretudo de Yeats, na utilização do critério regional para os seus estudos de temas e problemas sociais (FREYRE, 1975).

É esse o tempo fecundo, de contatos humanos enriquecedores, de leituras que aprofundam a busca autobiográfica do menino e acicam o impulso do jovem Gilberto para a busca de suas origens. Lê com entusiasmo *Confessions of a young man* de George Moore e os *Private Papers* de Gissing e começa a concentrar-se no projeto de *Confissões suas*, que revela à amiga Amy Lowell como a intenção de escrever um livro sob o título *and the others*, que seria um livro de *Misticism of life and literature*.

Convém sublinhar a presença, no formato que o projeto autobiográfico ia tomando, da idéia subjacente de *biografia Coletiva*, defendida mais tarde por Gilberto Freyre como forma apropriada ao ensaio de natureza histórica.

Muito embora considerando a tese de Mestrado de Gilberto Freyre: *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*, como germinação de *Casa-Grande & Senzala*, entendemos que, como afirmado no capítulo anterior, a sua publicação é também o reconhecimento público da temática de *Casa-Grande & Senzala*.

4. A GERMINAÇÃO DE UMA CIÊNCIA: A TROPICOLOGIA

De acordo com o que se vem usando, no contexto desta monografia, o termo germinação se refere a quaisquer palavras denotativas, reflexões e idéias sobre um dado tema, no caso, a construção do escritor, a construção de um livro e, agora, a construção de uma ciência.

No que se refere às germinações da Tropicologia, há que buscá-las em um espaço de tempo mais longo do que aquele usado nos capít-

tulos precedentes, pois que são ténues e esparsas, inicialmente as referências que denotem uma preocupação explícita pela compreensão do modo de vida do Homem situado no Trópico, "nas relações efetivas e existenciais com o ambiente físico, histórico e cultural de áreas tropicais" (MIRANDA, 1986).

Convém notar que enquanto na seqüência dos registros de *Diário Íntimo*, multiplicam-se inicialmente as referências ao processo de construção do escritor e em um segundo momento, à construção da temática de *Casa-Grande & Senzala* nas matérias publicadas no mesmo período, no *Diário de Pernambuco*, são escassas as referências aos temas mencionados, enquanto aumentam progressivamente aqueles dirigidos para os fundamentos da Tropicologia.

O espaço de tempo estabelecido para a pesquisa das germinações da Tropicologia foi o período de 1918 a 1925, sendo o limite superior definido pela preparação do *Livro do Nordeste* (comemorativo do 1º Centenário do *Diário de Pernambuco*) o qual foi, no dizer de MIRANDA (1987) "o próprio Seminário de Tropicologia em sua primeira aparição, como exposição teórico-prática de aspectos interdisciplinares sobre uma mesma realidade".

O primeiro registro de Gilberto Freyre sobre tema explicitamente tropical aparece, no seu *Diário Íntimo*, de modo bastante detalhado e refere-se simultaneamente ao fenômeno de miscigenação – à intuição do seu versátil produto forjado em terras tropicais – e o modo de vida da mulher no trópico, sua moda e os seus vagares, condicionados por fatores da natureza e da cultura:

Lindas paisagens as de Barbados e espetáculo novo para um brasileiro o de uma população negra que fala Inglês e cujas senhoras usam chapéus como as Inglesas brancas. Bonitas Inglesinhas louras se vêem aqui ao lado de mulatas jovens que lembram as do Brasil, embora lhes falte a graça de andar das brasileiras, que falta também às negras puras. FREYRE (1975, p. 23).

No registro mencionado, não faz o seu autor qualquer menção explícita à condição tropical de Barbados, nem do Recife, mas deixa implícita a sua percepção de que ambas estão localizadas em região em que a natureza, o clima e a cultura se assemelham, como elementos de um mesmo conjunto, sem que, ainda assim ostentem as suas peculiaridades.

Não nos parece leviano considerar como também germinação da Tropicologia o uso dos vocábulos *trópico* e *tropical*, usados por Gilberto Freyre em diferentes contextos do seu *Diário Íntimo* e nas *Cartas da outra América*, escritas para publicação no *Diário de Pernambuco*.

Em tais ocasiões poderia ele haver utilizado vocábulos outros, talvez até mais precisos, houvesse ele querido referir-se à sua cidade, ao seu estado de Pernambuco, ou ao Brasil, de um modo geral. Mas, sem-

pre que utilizou os termos *tropical*, ou *tropical*, usou-os com a sua conotação geocológica própria.

Observe-se, no registro que se segue, a provável intencionalidade implícita na palavra *tropical*, quando o autor descreve uma região – que é diferente daquela com que se a compara – e, não de revelar a saudade de casa, ou mesmo de uma qualquer cidade em dia de sol:

O outono aqui começou. As primeiras lufadas de vento fazem cair no chão, secas e amarelecidas, as folhas das árvores. O céu já tomou cor de chumbo fumarento e cor de chumbo fumarento é triste e não parece aquele mesmo céu de verão, tão fino, azul e puro. “Começo a ter saudade da nossa natureza tropical, clara, florida e cheia de sol.

Diário de Pernambuco (11.03.1918).

Do mesmo modo, em um outro artigo, este sobre a chegada da Primavera, onde parece prestes a emergir o conceito mesmo da categoria *situação*, pois Gilberto Freyre ali explicita a decisiva relação do homem com a natureza e de sua cultura com o ambiente (MIRANDA, 1987):

Há um encanto especial nesse variar de paisagem e de tempo, nesse passar de uma situação a outra. . . O encanto desse variar de paisagem, nós tropicais, acostumados a uma natureza perpetuamente em flor, desconhecemos nos nossos países nativos. Nosso tempo é quase o mesmo todo o ano. Nossa natureza, quase rebelde a mudanças bruscas.

Aqui não. A natureza muda. O tempo e a paisagem mudam. E essa mudança de estações a tudo afeta: as modas de roupa, as de chapéu, as de calçado, o estilo dos autos, os sports, os divertimentos. Cada estação tem a sua cor, o seu tom, a sua fruta, os seus gostos. . . Mas vamos às outras coisas que a mudança de estação afeta. . . A Primavera tem os seus divertimentos, quase todos eles ao livre, em contraste com as festas de recinto fechado de inverno. Os dias são bonitos e é preciso gozá-los em almoços à rústica, em passeios de botes, em corridas de auto, em partidas de pesca à beira de quietos riachos.

Diário de Pernambuco (04.5.1919).

Enquanto é nítido o crescer do escritor e do livro – *Casa-Grande & Senzala* no período de permanência de Gilberto Freyre nos Estados Unidos, nas Universidades de Baylor e de Colúmbia, a preocupação com o trópico cresce na sua volta para o Brasil, embora só, madura, se enuncie explicitamente em propostas em 1953, em Coimbra, em conferência pronunciada na Sala dos Capelos.

Em 1923 já aparece clara para Gilberto Freyre a noção de Trópico como um espaço onde, no dizer de LACERDA DE MELLO (1988) se reú-

nem, se interinfluenciam e interagem fatos do plano ecológico (climáticos, geomorfológicos, edáficos, florísticos) e do plano humano (econômicos, sociais, sócio-culturais, institucionais); e que o Trópico é plural.

Assim é que, a respeito da exposição do pintor Nicole de Gero, há descrições detalhadas de vários dos aspectos substantivos do trópico brasileiro:

A arte das Idéias com a literatura das Idéias exige certa disposição para pensar que é dos hábitos o que mais dificilmente se improvisa. Principalmente aqui entre estas nossas bananeiras. E cajueiros. E jaqueiras. Tudo isto amolece deliciosamente, tira-nos a tensão mental e convida-nos a volúpias mais fáceis. . . É uma natureza, essa dos trópicos a espreguiçar-se toda pelo chão dolentemente e a intoxicar-nos dum suor viscoso de sexualidade. No meio dela o puro pensar é como uma tortura de virgindade de adolescente. De virgindade supliciada. E aqui só os heróis pensam. E são ainda heróis os que se interessam pelas Idéias. Há alguma coisa de heróico em ler um soneto de Mallarmé ou uma página de Browning ou de Lessing à sombra maternal de uma jaqueira". Lafcádio Hearn – que foi como Loti "un oeil" – dizia que dos trópicos que lhe tiravam toda a capacidade de pensar. . . . Não é que o Recife seja uma cidade mais estúpida que as outras; é que o Recife é uma cidade tropical, cheia de sol, de cor, de luz e de suor. Natural em nós tropicais a obsessão pela cor.

Diário de Pernambuco (07.10.1923).

Além da pluralidade da mesma língua portuguesa nas formas que assume nos diferentes trópicos, chama Gilberto Freyre a atenção para a convergência das diferenças de costumes entre povos tropicais de duas regiões que, sequer tiveram o mesmo colonizador e que, no entanto têm comportamentos idênticos.

O brasileiro atual procura mais a rua que talvez à ágora o grego de outrora. Entre nós as mesmas revoluções se combinam na rua; namora-se deliciosamente na rua; fazem-se até negócios de contos de réis. Aliás é preciso notar que no apego à rua muito influi a clemência da temperatura. Se o grego era amoroso da ágora de que tanto se fala desde Xenophonte, é que a vida ao ar livre o estimulava o doce sol e os ventos ligeiros da Ática. E a paisagem. Lembro-me o lirismo com que uma vez me descreve a paisagem da Grécia, toda de oliveiras em flor, o Prof. Sr. Alfred Zimmern, de Oxford.

Também no Recife dos nossos avós, sob as gameleiras, se realizavam as mais importantes transações".

Na velha Lingüeta a vida de negócios era toda de doces va-
gares e boas conversas. . .

Diário de Pernambuco (03.02.1924).

Para Gilberto Freyre era muito clara a noção de pluralidade dos Trópicos. Daí ser tão incisivo em relação à língua que seria a do *tropico brasileiro* que, sendo o mesmo português, traria em si peculiaridades que a identificassem, ao mesmo tempo, da língua de Portugal e dos idiomas de outras regiões tropicais de língua portuguesa.

Ao seu *Diário* revela Gilberto Freyre, em 1923, a respeito do escritor Mário Sette:

Interessante o Mário Sette. Com ele – infelizmente como escritor é fraco – se esboça um romance se não regionalista, caracterizado pela ênfase na chamada cor local – com algum abuso de pitoresco. Para um romance regionalista, sem esses abusos é que a literatura de ficção deveria caminhar. . . Entretanto, falta a grande parte da nossa literatura – ou quase literatura? – para ser regionalista, sem caipirismo, uma língua como que tropicalmente brasileira, *que não beixe nunca de ser portuguesa, como língua literária, para tornar-se sub-portuguesa, de tão oral. Os temas regionais e tropicais estão entre nós à espera de romancistas*.
FREYRE (1975, p. 130).

Como mencionado anteriormente, os vocábulos *tropico* e *tropical* têm, em Gilberto Freyre, a conotação própria; não se referem à regiões ou localidades quaisquer, mas sim àquela região específica denominada *tropico*.

Observe-se no registro anterior, que o uso de uma língua tropicalmente brasileira é posto como uma condição para tomar uma dada literatura, regionalista, e, adiante, quando o autor refere os temas regionais e tropicais, estabelece uma diferença de significados entre o ser regional e o ser tropical.

Uma outra forma de expressão do crescer do interesse pelo *tropico*, em Gilberto Freyre, é a viva preocupação pelas árvores, freqüentemente demonstrada nas duas obras que estamos examinando:

O Recife dá a quem chega a impressão de uma cidade sem árvores; e a quem demora uns dias, a impressão de uma cidade sem música. . . Alás a respeito das árvores o atual Prefeito dá mostras de nitidamente compreender a monstruosidade da nossa situação: cidade tropical sem árvores, dando a lembrar um tanto macabramente a quem a avista de longe um amontoado de esqueletos a secar ao sol.

Diário de Pernambuco (03.05.1923).

Em Queimadas as árvores são camaradas umas das outras. Tanto que a gente só as vê em grupos. Conversando, eu acho. As próprias árvores novas, são assim. Há uns quatro grupos de eucaliptos reunidos, quase familiarmente. Há uns coqueiros também assim reunidos.

Diário de Pernambuco (11.12.26)*.

Durante o ano de 1923, vários são os artigos e registros em que Gilberto Freyre aflora o problema da necessidade de árvores em uma cidade tropical e inicia a abordagem da árvore como o elemento que transmite a tranquilidade, a paz, o convite ao fazer-se-em-casa. Observa-se a tônica na "hospitalidade" que oferece a árvore:

E são parques, os da Paraiba, de vastas árvores acolhedoras. . . De árvores que se vão dilatando à vontade em vastas umbelias hospitaleiras. Não se teve na Paraiba o requinte do canteiro escañcarado ao sol. Requinte a que no Recife se sacrificou tanta gameleira.

Diário de Pernambuco (23.12.1923).

Em outro artigo, referindo-se à Faculdade de Direito do Recife:

O pátio com seu doce ar tropical, delicia os olhos. E a mim pareceu saudável o lugar para as digestões sentimentais, após as leituras pesadas ou espessas preleções. Em volta ao edifício crescem à vontade a relva, o capim e até o insolente "pega-pinto". Sei que foi plano do Dr. Netto Campelo distribuir entre as árvores, agora adolescentes, do que será o *campus* da escola, bancos de pedra no estilo daquele sobre que repousa o busto de Flaubert, em Paris. Feliz idéia.

Diário de Pernambuco (08.07.1923).

E referindo-se à casa residencial do sr. Othon Bezerra de Mello:

A casa colonial do meu amigo Sr. Othon Bezerra de Mello é outra casa assim: tem caráter. Recorda essas novas casas de engenho, vastas e boas, na sua repousada brancura de cal. Faz sentir quatrocentos anos de vida pernambucana – social e econômica. Toda ela irradia uma hospitalidade ao mesmo tempo cristã e senhoril. Faltam-lhe apenas, ao meu ver, palmeiras que lhe dêem um ar mais doce e tropical na intimidade*.

FREYRE (1979).

A partir de um certo período de 1923 as referências de Gilberto Freyre ao trópico e ao tropical perdem, de certo modo a tonalidade descri-

* Mesmo pertencendo a um período que já está além daquele que estabelecemos para o nosso estudo de geminações da tropicologia, a referência acima foi incluída por ser um traço descritivo que, de certo, modo complementa descrições anteriores de características da mata tropical.

tiva da natureza tropical – sol, luz, calor, constância do tempo e temperatura, variedade de árvores, natureza florindo e frutificando durante todo o ano – e passam a voltar-se para a discussão do que é próprio e adequado, ou que convém ao habitar no Trópico brasileiro.

Observem-se os registros que se seguem:

E estive outro dia a imaginar um café ao meu jeito para o Recife. . . caracteristicamente pernambucano. Regionalmente brasileiro. . . Imagino como seria semelhante café: uns papagaios em gaiolas de lata, côco verde à vontade pelo chão – não se serve côco verde nos cafés do Recife! – uma fatura de vinho de jenipapo, folhas de canela aromatizando o ar com o seu pungente cheiro tropical. À noite, menestrelis cantando ao violão trovas de desafio; num canto uma dessas petalhonas vastas e boas, assando castanhas, ou fazendo pamonhas. Ao seu lado, quitutes e doces, ingenuamente enfeitados com flores de papel recortado.

Diário de Pernambuco (14.10.1923).

Exatamente quando me dispunha a louvar o Sr. Antônio de Goes, o Prefeito mais amigo das árvores que ainda teve o Recife, vem parar-me sob os olhos a Lei Municipal 1.379* . . . O que aí se estimula é exatamente o nosso maior vício de construção: o das casas pegadas umas às outras. Quase trepadas umas por cima das outras. Sem espaço livre. Sem espaço para árvores acolhedoras e vastas. . . Limita-se assim a ação saneadora da árvore, exatamente onde ela é mais necessária. . . Porque nós somos uma cidade que precisa se defender dos ventos secos, do solo arenoso; de um eterno sol de verão. E a defesa é a árvore.

Diário de Pernambuco (30.12.1923).

Em outro artigo sobre a mesma Lei 1.379:

É que numa cidade como o Recife, batida de sol e de ventos secos, em pleno Regio Adusta, mesmo a abundância de parques públicos não seria argumento sério contra os sítios. . . No Recife a morte dos sítios seria um mal coletivo. . . Entre nós, como em todas as cidades do Nordeste brasileiro, onde tão necessária é a árvore na reação contra o clima adusto, devem-se estimular os grandes sítios. . . Retalhe-se, em triste hipótese, um sítio como o do Palacete Azul, na Soledade, e o que desaparece não é só a moldura de arvoredo necessária àquele tipo senhoril de residência: o que principalmente desaparece é o pulmão da Cidade.

Diário de Pernambuco (13.01.1923).

* Os terrenos serão taxados por todos os lados onde possa haver edificação.

Em 1924, ainda que muitas vezes confesse ao seu *Diário Íntimo* o quanto se sente desadaptado à cidade, já tem um ambiente formado, o qual, se não lhe preenche as necessidades intelectuais, proporciona-lhe contatos interessantes, alguns dos quais a se tornar duradouras amizades. Além do modesto emprego nas Docas, um *gancho*, como o próprio Gilberto Freyre o referiu, já contava ele com um outro trabalho no *Diário de Pernambuco*. Estava, portanto desadaptado, porém participante da realidade da sua cidade e do seu país, após cinco longos anos de ausência.

Graças à atuação brilhante que teve desde o início da sua atividade no *Diário de Pernambuco* foi Gilberto Freyre convidado a planejar uma publicação comemorativa do 1º centenário do *Diário de Pernambuco*. O plano elaborado é acolhido com entusiasmo pelo Sr. Carlos Lira, então Diretor daquele periódico.

A publicação que veio a lume, conquanto não preenchesse plenamente às expectativas de Gilberto Freyre antecipou, no Brasil, a discussão interdisciplinar de problemas regionais, constituindo-se na opinião da filósofa MARIA DO CARMO TAVARES DE MIRANDA a primeira versão do que viria a ser o Seminário de Tropicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BANDEIRA, Manuel. Evocação do Recife. In: FREYRE, Gilberto. *Livro do Nordeste*. 2 ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. p. 121-3.
2. COUTINHO, Odilon Ribeiro. Dois patriarcas da independência nacional. In: FONSECA, Edson Nery da, org. *Novas perspectivas em Casa-Grande & Senzala*. Recife: Massangana, 1985a, p. 13-20.
3. ———. A época em que apareceu *Casa-Grande & Senzala*. In: FONSECA, Edson Nery da, org. *Novas perspectivas em Casa-Grande & Senzala*. Recife: Massangana, 1985b. p. 21-31.
4. FONSECA, Edson Nery da. *Um livro completa meio século*. Recife: Massangana, 1983. 157 p.
5. ———. A obra de Gilberto Freyre. *Revista do Arquivo Público*, Recife, v.33-4, n. 35-6, p. 3-110, 1979/80.
6. FRANÇA PEREIRA, Luiz de. Um século de vida literária em Pernambuco. In: FREYRE, Gilberto. *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. p. 106-11.
7. FREYRE, Gilberto. *Artigos de jornal*. Recife: Ed. Mozart, s.d. n. p.
8. ———. *Casa-Grande & Senzala; formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 14 ed. Recife: Imprensa Oficial, 1966. 553 p.
9. ———. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Universidade de Brasília, 1968. 189 p.

10. —. *Sobrados e mucambos; decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. 6 ed. Rio de Janeiro. J. Olympio, 1981. 2v.
11. —. *Tempos de Aprendiz*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Difusão Cultural, 1979. 2 v.
12. —. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. 267 p.
13. —. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 2. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964. 126 p.
14. GONSALVES DE MELLO, José Antônio. *Casa-Grande & Senzala: suas fontes históricas*. In: FONSECA, Edson Nery da, org. *Novas perspectivas em Casa-Grande & Senzala*. Recife: Massangana, 1985. p. 52-65.
15. KUJAWSKI, Gilberto de Mello. Gilberto Freyre e o seu projeto de escritor. *Ciência & Trópico*. Recife, v. 15, n.12, p. 142-302, jul/dez. 1987.
16. LACERDA DE MELLO, Mário. *Apostila do curso de Fundamentos de Tropicologia*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1988. n. p.
17. MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade do Seminário de Tropicologia. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 14, n.1, p. 27-31, jan/jun. 1986.
18. —. Sobre o Seminário de Tropicologia. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 11, n. 1, p. 47-69, jan/jun. 1983.
19. —. A tropicologia como fenomenologia. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 15, n. 2, p. 141-302, jul/dez. 1987.
20. MOTTA, Mauro. A gênese de Casa-Grande & Senzala. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 11, n.2, p.205-11, jul/dez. 1983.
21. ODILON NESTOR. Um século de vida de estudante em Pernambuco. In: FREYRE, Gilberto. *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. p. 53-9.
22. PEREIRA, Nilo. "Casa-Grande & Senzala" e o seu tempo. In: FONSECA, Edson Nery da, org. *Novas perspectivas em Casa-Grande & Senzala*. Recife: Massangana, 1985. p. 66-76.
23. SETTE, Mário. *Aruar: história pitoresca do Recife antigo*. Rio de Janeiro: Casa Editora Brasileira, 1948. 378 p.
24. SOUZA BARROS. *A década 20 em Pernambuco*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985. 328 p.
25. WESTPHALEN, Cecília Maria. A antenova história social do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1., Recife: 1986. *Anais*. . . Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987. p. 83-94.